

**SOM DA MILITÂNCIA - MÚSICA ENGAJADA EM PELOTAS/RS DE (1975-1985)**

LUCILENE FERREIRA MENDES<sup>1</sup>; EDGAR ÁVILA GANDRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lueme@bol.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br*

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a música, ao longo do tempo, demonstrou ser um dos elementos artístico-culturais, mais envolventes, capaz inclusive de unir povos e sociedades, apesar das diversidades. Nesse sentido, se reconhece que as composições musicais são responsáveis por sobrevôos sutis, ao mesmo tempo em que são capazes de penetrar os ambientes mais sombrios de uma sociedade. Igualmente, não se pode esquecer, que esses mesmos povos e sociedades, podem sugestionar as produções musicais, a partir de uma dada realidade histórica.

Essa pesquisa passa a ser fundamental, justamente porque têm a pretensão de examinar a influência da música, como meio de resistência Regional/Local, à repressão vivenciada nos anos 1975 a 1985 em que Pelotas/RS é cenário, e seus estudantes, atores.

A importância desse trabalho se deve ao fato dele investigar, como as manobras políticas, bem como os conflitos inerentes à época, contaminaram a produção musical local, em especial, dos estudantes, oriundos ou não, da cidade. É incontestável na historiografia, que a música foi amplamente utilizada como via de acesso à resistência aos atos de subterfúgios do governo. Sabe-se, contudo, que esse mecanismo de reflexão e, sobretudo, de resistência, da qual a produção musical foi protagonista, não ocorreu de forma única em todo o País. Para tanto, este trabalho serviu-se da história local/oral como um meio eficaz de resgate histórico, ao se utilizar dos agentes que vivenciaram este conturbado período da história brasileira.

Pretende-se traçar um parâmetro de como os movimentos sociais desse período, influenciaram sobremaneira nas composições das canções. Ademais pensar sobre as interpretações e seus desdobramentos diante de um cenário hostil às liberdades de expressão.

Uma das problemáticas dessa pesquisa é justamente compreender as potencialidades, que os movimentos culturais locais trouxeram dentro do contexto político do País da época, do mesmo modo saber como a música contribuiu para a reflexão sobre o contexto histórico vivenciado, em âmbito local e nacional. Não deixando de ponderar sobre o legado deixado pelas transformações artístico-culturais. Afinal, não se pode esquecer a importância da reconstrução da memória dessa etapa da história, especialmente por entender que ela permanece norteada de obscuridades.

O recorte temporal dessa pesquisa está veiculado à abertura política, no governo do General Ernesto Geisel, e tem como marco final, o término do governo do General João Figueiredo. O recorte regional se deve ao prestígio que a cidade de Pelotas possuía na época, haja vista ter se constituído a partir de um expressivo pólo cultural, o que permitiu, sem dúvida, o contato social com a música (peça chave) do trabalho em questão.

No eixo teórico articula-se a história política em âmbito regional a partir dos conceitos de resistência, engajamento e repressão.

Autores como Daniel Aarão Reis que discute a Resistência como forma de engajamento durante o período de abertura política, Michael Pollak que aborda os temas Identidade e Memória, assim como, Enrique Serra Padrós que trata de Regime Autoritário e Democracia, deram sustentação à elaboração da pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

O eixo metodológico dessa pesquisa tem enquanto fonte primordial, a entrevista de seus agentes partícipes. Sabe-se que, em sua prática metodológica a história oral busca reconstruir a memória por meio de estímulos, questionamentos e indagações. Assim, é possível viabilizar o testemunho dos sujeitos, que de fato viveram os acontecimentos de uma determinada época. De acordo com Lucília Delgado, “As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam.” (DELGADO, 2006)

Para a realização deste projeto, preparou-se um roteiro de entrevista contendo questionamentos, que abordam além do tema central - a música engajada – a repressão e a censura política sobre as canções de protesto, durante os dez últimos anos da ditadura civil-militar no País. A escolha dos entrevistados foi criteriosa e condicionada à participação destes nos movimentos de música engajada no pólo local, durante os anos de 1975 a 1985.

Até o presente momento foram entrevistados: o poeta, compositor e cantor pelotense, Vitor Ramil, e o músico, artista plástico, pedagogo e docente da UFPEL, professor Dr. Álvaro Moreira Hypólito. Ambos tiveram os primeiros contatos com a música por volta dos 12 anos de idade, estudaram na ETFPEL no final dos anos 70, onde participaram ativamente de movimentos estudantis, do teatro e de festivais locais. Eram engajados politicamente e membros do movimento de esquerda que emergiria logo adiante, no Partido dos Trabalhadores.

Vitor Ramil foi o primeiro a ser contatado, devido a sua relevante e expressiva trajetória na música regional, bem como sua mobilização enquanto articulador do movimento, além de seu engajamento enquanto artista. O Prof. Dr. Álvaro Moreira Hypólito, além de ter atuado como músico na noite pelotense, foi membro atuante do movimento estudantil da época, membro do partido dos trabalhadores, ator e militante contra o regime opressor. Além desses, já estão contatados outros participantes ligados ao “movimento música engajada”, que concederão entrevista.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas se encontram até o momento, em fase de coleta e sistematização, no entanto já é possível registrar, que durante a ditadura civil-militar, tiveram início as primeiras circunstâncias de proibição a alguns estilos musicais, na cidade de Pelotas. Como tentativa de resistência a essa repressão e censura, surgem neste mesmo cenário, movimentos de engajamento político, organizados principalmente por estudantes, em sua maioria, universitários, que passam a enfrentar as barreiras impostas pelo regime, usando a música como mecanismo de protesto.

Como conquista pela luta, os estudantes obtiveram a sede para abrigar a “Casa do Artista”, situada na Rua Voluntários da Pátria, esquina Anchieta, local utilizado para as constantes reuniões.

A fórmula para atrair adeptos e simpatizantes era supostamente simples: incrementar a música com elementos contemporâneos e recheá-la com letras engajadas, favorecendo a crítica social, bem como o posicionamento político, tudo isso, por óbvio, de acordo com o público que conseguiam atingir. Não conseguindo adentrar muito a periferia da cidade.

Os limites de luta e resistência se davam no embate cultural, não em uma militância de enfrentamento ao regime, de forma violenta.

#### 4. CONCLUSÕES

Como consideração final até o presente momento, percebe-se a importância desse movimento, na medida em que ele foi capaz de unir jovens em razão de um mesmo propósito, para fazerem da cultura, estratégia de resistência à repressão imposta, durante o período militar. Apesar dos inúmeros limites impostos, sobretudo a determinados grupos sociais, não os impediu de avançar e conquistar adeptos. Compreender os efeitos causados na cidade, por seus empenhos de luta, reaviva a ideia de que mesmo pequenas estratégias sociais, em seus redutos regionais, podem sim, tornarem-se protagonistas de grandes mudanças.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CHAUÍ, Marilena et al. **O nacional e o popular na cultura brasileira: seminários**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELLA VECHIA, Renato. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no processo de redemocratização: as tendências estudantis e seu papel (1977 – 1985)**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **História e Tradições da cidade de Pelotas**, 2<sup>a</sup> Ed. Caxias do Sul. IEL/UCS, 1981.
- MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral. Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.
- PADRÓS, Enrique Serra; GASPAROTTO, Alessandra. Gente de menos: Nos caminhos e descaminhos da abertura no Brasil (1974-1985). In: PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia; FERNANDES, Ananda; LOPEZ, Vanessa Albertinence. (Org.). **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul: História e Memória**. Porto Alegre: CORAG, 2009.
- PADRÓS, Enrique Serra e MARÇAL, Fábio Azambuja. O Rio Grande do Sul no cenário da coordenação repressiva de Segurança Nacional. In: PADRÓS; BARBOSA, LOPEZ, FERNADES (orgs.). **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória**. Vol. 3. Porto Alegre: Corag, 2010; p. 35-48.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 05. nº. 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória esquecimento e silencio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 02. nº.03, 1989.

RIDENTI, M. S. **Brasilidade Revolucionária: um século de cultura política**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RIDENTI, M. S. **Censura, repressão e modernização cultural no tempo da ditadura**. aparte XXI, v. 6, p. 119-126, 2013.